

**A DOCE CRUELDADE DO SORTILÉGIO
HUMANO: QUANDO A VIDA SE PERDE E SE
TRANSFORMA, ENTRE *DASEIN*, VÃO E
VANIDADE DO QUE PODE SER RECUPERADO**

Por VICTOR EXCELSIUS

Universidade de Lisboa

**„C'est si beau une maman que le Bon Dieu,
Lui-Même, en a voulu une...“**

Anónimo francês

O ARGUMENTO

Não se pode agradar a todos. Mas há quem procure agradar a gregos e a troianos, quer por personalidade e vocação, quer por a sua instituição a isso o obriga. Muitas vezes, a metáfora da guerra, sendo que a metáfora é a guerra e a guerra é a metáfora da não somente da antropocena, mas também da „cena“ humana que se desenha e espasma ante os sentidos de uma forma agressiva e cada vez mais desafiante, num contexto de uma antropologia radical e de uma filosofia não-extática nem extática, quando os pontos também se tocam numa perspectiva religiosa das relações entre os homens, onde está Deus.

A EXPLANAÇÃO DA TEORIA

A crença em algo de superior sempre „perseguiu“ o homem na sua existencialidade história. Tal equivale à crença num Deus? Terá de ser esse Deus obrigatoriamente superior ao homem? Lembremos o Zen e os escritos de Nietzsche. De algum modo, esse Deus é Pai, pelo menos na tradição judaico-cristã e muçulmana. Mas, segundo o franciscanismo é Irmão, i.e., o Grande Irmão, o Big Brother. Enquanto o mundo se espartilha, entre real a virtual, só Deus, a ideia de Deus, parece persistir. Ainda assim, não agrada a tod@s.

Adiantei há tempos a noção de „vão“ para a filosofia. Dos lugares, amplos espaços abertos, à vanidade da vida, banalidade do normal e ao vão da escada onde escondíamos em pequenos os cigarros, à revelia do pai. Por vezes, aproximaste do teu objetivo, seja o desvelamento dos mistérios da tua mente, sendo que ela representa tanto o Deus quanto a sociedade. Mas...a sociedade não é Deus?, ou seja, a complexidade do mundo desconhecido é digna de adoração e, nesse sentido, pode ser Deus. Alexandre Lacroix, filósofo francês, viu muito bem isto na sua obra „La Philo de l'Acte Sexuel“, ou seja, o saber ocidental precisa de se encontrar com o corpo, além do porno-freudiano, reencontrar o corpo na sua articulação, além do espírito, com a alma. Isso passa por fazer uma antropologia, não só do mundo, mas regressar ao ínfimo da mente, à terapia com elementos naturais. Mas, seja como fôr, um bom princípio será abordar a obra de João Pina-Cabral „World-An anthropological examination“(Hau Books). Sim, a questão do Homem passa por uma abscissa algures entre a Filosofia, a Antropologia, a Teologia. Mas há outras ciências a convocar neste problema, que não é só o problema de Deus, a saber, a sociobiologia, a etologia, a semiologia, as ciências exatas como a matemática e a física. Foi assim que empreendi um certo retorno ao corpo (enquanto sentido) na minha tese de doutoramento.

A história continua, o homem repete-se, ante os mesmos teoremas e equações: propriedade, território, contrato social, busca de status, não já para trocar mulheres, mas para orgulho pessoal, como se a vida (deles) fosse um filme de Hollywood, em que o grande problema é lidar com os egos dos atores. Sim, a lógica camponesa repete-se e se perpetua, ser feliz num espaço que não é de viagem, permanecer dentro de um certo círculo de amigos com que se evita a solidão, evitar a cidade, porque é, sempre, cidade do pecado, pois *pecus* quer dizer trampa, porcaria. Logo, pecado. Como na religião, a prática religiosa que trata da manutenção de uma ordem que é, antes de mais, mental, para além de sentimental. Porque a cidade é estranha e cheia de perigos, mantenho-me num registo de Bem enquanto camponês, ao menos estou vivo, como se o objetivo da vida que me foi dada fosse, apenas, permanecer vivo. Porque se pode dar a volta a tudo, a qualquer ideia, a qualquer decepção, entre Bem e Mal, entre cristão e mouro, entre Norte e Sul.

O Deus, portanto, é o supremo Ser que se dá, que está aí, no mundo e define o que é Bom e Mau, Bem e Mal, o que está entre os homens, logo Deus é a sociedade, mas sobremaneira algo que está „acima“ dela e, no âmbito do indivíduo, acima dele, por isso mesmo Seu Caminho. Assim, proponho uma nova ciência nascida da fusão entre teologia, filosofia e antropologia, com alguns elementos de sociobiologia e etologia e de ciências exatas e naturais como matemática, lógica,

química e astronomia, além de outras. Esta ciência baseia-se claro na relação da filosofia com o mundo social, da filosofia com a sociologia, obviamente. Mas não se fica por aí, na relação do sujeito com a divindade e com o Outro...vai além, muito além disso, para se instaurar como fenomenologia personalista, seguindo um pouco as propostas de Emmanuel Mounier e Sartre. Enquanto este diz que o Inferno são os outros (o Outro, no limite teórico da coisa), a teologia católica adianta que o Céu são os outros. De modo que tentamos conciliar essas duas posições enquanto proposições da era do homem com o mundo, não só o homem davinciano, das artes e da criatividade, mas o homem da cidade, tenso e desenrascado, que vê na sexualidade uma forma de auto-superações competição, pelas mulheres e os bens associados a elas, como diria Claude Lévi-Strauss...Sim, quando encontramos a oração e o Cristo escondido na igreja, percebemos porque é que os punks não vão à igreja nem à Missa...

A NOÇÃO EXATA DA DOR

O que é, então a dor senão um desvanecimento da vontade? Atentemos no que nos diz Schopenhauer a este respeito, em „O Sofrimento do Mundo“. Não são adiantados quaisquer pessoas nos eu texto, quaisquer noções de tempo, ou seja, contextualização temporal, espacial, histórica. Como compreender esta filosofia? Porque ela não é ciência, é código, devaneio teórico para sofistas, pelo menos aquela que vou conhecendo, como se apenas restasse ao homem apenas um nome gravado numa lápide no cemitério de Paris...

A ver se nos entendemos: será o filósofo funcionário da humanidade ou apenas isso, um sofista, digamos um vendedor da banha da cobra? Não gosta de comer a beber bem como os outros? O que falta ao filósofo que ele não tem? E porquê Ter? Não basta Ser? Pertencer? Discuto tudo isto na minha obra „A Função Social do Filósofo“.

ALGUMAS RESPOSTAS

Adiantamos uma nova noção, a que chamamos de **pecadio**, pecado do dia, tal como *bocadillo*, em espanhol, em vez de pecado „tou-tcourt“, logro, em vez de êxito, porque o filósofo tem uma especial predileção ora pela derrota (no campo do prático, do senso-comum, porque analisa) e por uma vitória final. Sim, de derrota em derrota até à vitória final...

Então, em que consiste o **pecadio**? Está próximo do regadio, do fastio, daquilo que inseri como banalidade do banal no meu texto „Tratado do Entediamento“...

Sim, saturação do Ser, por isso mesmo Dasein, tendência para a aplicação e desdobramento do Eu na realidade social... na vida do mundo. Sim, em vez de ser o pecado de sempre, transcendentalmente, é o pecado do dia, do século, *a la mano*, como se diria numa versão espanhola de **Ser e Tempo**.

Depois, a noção da paragem, **para-aragem**, ou seja, colher no vento os frutos metafísicos de uma suposta solidão e fuga ao mundo, entre a América do homem funcional e a serendipiti do Convento da Arrábida ou do Varatojo...

De resto, o homem vê-se diante um dilema, não o filósofo, que resolve tudo, mas o homem do common-sense: não é a palavra, i.e., o texto, uma forma de sedução? Sedução de Deus, dos anjos, dos santos e santas, sedução do Outro? Não hé, de facto, muito mais do que isto, por mais análises que possamos fazer, mesmo recorrendo a outras ciências, às artes as mais diversas. Porque perdeu o filósofo a noção de Deus, do Deus escondido na Igreja, do Deus do sacrário, da contemplação, do nada fazer, do nada-a-fazer, da fenomenologia contemplativa, do cultivo da Alma? Daí mesmo, a solução, não só para a felicidade, mas também para as mais variadas doenças psíquicas é não andares **pre-ocupado**, sendo que tal atitude não é má de toda, pois uma tarefa, uma procura, um caminho, como se **pre-parássemos** o Tempo, as noções tradicionais de sucesso pessoal e profissional, o respeito pelo o outro, a aritmética do desejo. É não controlar, ter a mente aberta. E isso é Deus, é Estar-em-Deus.

A IN-SEGURANÇA DO CONHECIMENTO

A aragem incerta do tempo, a existência duvidosa, o lagrar no erro como meio de subsistência, a subserviência enquanto estratégia de sobrevivência. Tudo isto é possível. Neste e noutro mundo, diríamos. Assim, aquilo que chamo de „medo cerimonial“ é o receio de desaparecer. Porque só conhecemos este mundo („Ninguém de lá voltou“, diz a sabedoria popular). E é no popular, não no erudito, que procuramos respostas, pois tem a ver com uma certa domesticação daquilo que é selvagem face o homem e seus princípios, ou seja, um adestramento de algo que também pode ser „sinistro“, ou seja, canhoto. No início do século 20, um teórico francês adiantou a obra „La Prééminence de la Main Droite“, uma obra bastante esquecida, no fulgor das notícias e das discussões televisivas em cima do joelho. Por isso, tanto o antropólogo, por saberem e serem em certo sentido xamãs, escondem-se e escondem o seu conhecimento, pois nada há de mais forte do que a palavra, escrita e falada, quando bem colocada, como a bola de um jogo de futebol. Seja como for, a boa-vontade não é automática, nem os desejos o são, depende de uma reflexão, de um método de contemplação, de uma idiossincrática fenomenologia do sujeito face ao mundo, ou vem, por outras palavras, do exterior, de Deus ou dos irmãos, se virmos o sujeito enquanto um bloco de vontade, uma mónada, um protão, uma célula da sociedade, numa perspectiva integradora. Porque, a sociedade rejeita o que não é conforme, só o aceita passado algum tempo, tal como a Irega, em forma de inovação e com um invólucro contextual, culturalmente definido nos termos do costume (Kant).

Assim, o homem finta o tempo, procura a felicidade onde ela não está, ou seja está em Si e não tanto quanto no sacrário, mas o que está neste é algo que o transcende, uma experiência passional única reafirmada por séculos e séculos de devoção e misticismo e que funciona para o crente como o feixe de sentido de que ele precisa para dar sentido à sua vida, à sua existência. Vide a este propósito algumas passagens de Kierkegaard...

TERRENOS MAIS FIRMES

Preparo um disco de Ärvo Pärt e penso: „Como é parvo este mundo! Depois de tanto investir no sujeito, a sociedade ocidental acaba por deixá-lo ao abandono...“

Depois, ainda insistem no grupo, na sociedade, no contexto global. Há que regressar ao local, nesta sociedade bipolar (é a minha tese, a sociedade portuguesa é bipolar, como outras) e lembrome de Margaret Mead e Ruth Benedicte que, lá londe de nós, ocidentais, percebeu como é a relação entre sujeito e sociedade, grupo cultural, enquanto a industrialização, a militarização, o nuclear, grassavam por estes territórios. A guerra na Ucrânia nada mais é do que a história a repetir-se, abrindo mais um ciclo em que o Homem decide fazer uma guerra só porque não se reconciliou com a sua história, num ciclo de eterno retorno que não sei onde irá parar. Falta diálogo, poderá dizer o Secretário-Geral das Nações Unidas. O sortilégio de Babel? Refreio o meu gosto pelo caos, pela anarquia de pensamento e exatamente às quatro da tarde, depois de ter ouvido um pouco de música sacre, logo depois do almoço, coloco George Benson no gira-discos, na comporta dos cd's. „Four for an Afternoon“...

MUNDO: UM EXAME FILOSÓFICO

Entre normal e patológico, aí vou eu, em direcção à teoria, folheando o livro de Pina Cabral, „World: An anthropological examination“. Mas será preciso a teoria etnográfica para construir a grande teoria? Decerto, o filósofo não pergunta a ninguém o que pensa dos cântaros tradicionais ou das ânforas fenícias...

Nem tão pouco o sociólogo o faz, pois tem já uma grelha pré-determinada, que se poderá alterar, obviamente. Mas...o filósofo não tem datas nem nomes na sua teoria, porque a filosofia é teoria, a teologia é teoria do sagrado, só a antropologia, na realidade, poderá chegar a uma ideia aproximada do que é o Homem, essa ideia prestes a ser peregrina, de que os cientistas sociais se deixaram de interessar, para se fixar noutros processos, noutros progressos. E, podemos fazer um exame filosófico do que é o mundo. Platão não falava nisto, desde o „início“, no Timeu?

Como relacionar estas linhas, estas tradições conceptuais e como articular o corpo com o inconsciente colectivo, sendo que, de certa maneira, tudo isto, todos estes itens mais ou menos teóricos, são alinhados e ligados por um demiurgo a que muitos uns Deus e outros outra coisa qualquer...a saber, *status*, sucesso, amor, sexo, dinheiro? Então, o que é ser-se feliz senão cumprir metas, caminhos, cursos e percursos, até chegar à realização do sonho, à concretização de uma ideia pré-concebida? Ainda assim, há quem ande às apalpadelas, como se fosse cego e não quer chegar a ponto algum, pois o êxito nada mais lhes diz, querem é a felicidade, o Estar, o Ser, o Pertencer, do lado de cá da vida, como dizia eu mesmo num dos meus livros...

Sim, quando temos certezas, interiores e exteriores, é bem mais fácil conduzir a vida através dos dias. Mas...será? Não é a dúvida (Flusser) ela mesma uma forma de (ter) certeza? Como um barco em alto mar, uma barçaça em pleno oceano.

Sim, a vida é chata, a filosofia é chata, a antropologia sem o documentário até enfastia, tal como a sociologia sem a devida intervenção do Direito e o também devido tempo de antena, mas, o mundo é feito dessas coisas e talvez, dizem os ecologistas, o homem que se preocupa devêsse viar-se mais para o seu umbigo, para a terra, ver e constatar que tem um umbigo, em vez de olhar tanto para o espaço, esquecendo que tem não só um umbigo e como que fugindo dos problemas. Porque, na verdade, há homens e homens...

O homem e a humanidade parecem estar existencialmente „entupidos“, enquanto outros estou numa fase de existencialmente „estúpidos“, se olharmos para as desigualdades, a crónica fome em África e em certos países da Àsia, as guerras civis e raciais, o distinto acesso à educação, tantos e tantos problemas sociais que só dão razão a quem faz ciências sociais, pudéssem os políticos ler mais ensaios para compreender o social, os problemas que ocupam os homens, pois é neles, a meu ver, que reside a chave, não propriamente nos teóricos de acesso às várias mundividências locais e regionais, contextuais...

CONCLUSÃO

O DEUS QUE HABITA O HOMEM

O filme „Contato“, quanto mais perto de Deus, mais perto do Homem, o contrário não creio que seja bem claro, mas posso admitir que seja, verdade, a verdade é esta a grande Verdade, independentemente da religião ou grupo religioso, movimento, Ordem. Quanto mais o homem se conhece mais perto está do Criador, daí que o Homem seja também o criador e, segundo a antropologia, o Criador de Deus, ou seja, dele mesmo. Mas, nem tanto ao mar nem tanto à terra, nem muito „Deus“ nem muito Homem. Por isso se diz que Nietzsche buscava Deus, nas suas indagações e indignações filosóficas, tal como outros, Sócrates, Schopenhauer...

Deus não é uma ideia longínqua, Ele está entre nós, no Nós, ou seja, nos nós que se atam e desatam uns aos outros envolvidos nos humanos e naquilo que somos em conjunto. Porque Deus também pode sentir a solidão, a solitude de um grande Criador, quando tudo tolera e quando o Homem contra Ele se rebela, entre normas de desvio e delinquência que não lhe agradam nem um pouquinho, porque traem a razão da Criação, combinar perfeição existencial com imperfeição corporal, ou ser, ver beleza onde ela possa nem sequer existir. Daí que o destino e o sentido da vida humana seja procurar a felicidade, combinar a direção com o conteúdo ou seja, o exterior com o interior. Como um bom vinho amadurecido...

Lisboa, 23 de Maio de 2022

Victor Excelsius